

USO CRIATIVO DE PARQUINHOS PÚBLICOS: UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE BRINCADEIRAS CRIATIVAS NO PARQUINHO PÚBLICO DO DIQUE DO TORORÓ, NA CIDADE DE SALVADOR-BA

Amanda Santos de Souza¹

Ingrid Mirele Carlos²

Paula Sanders Pereira Pinto³

Resumo

Este estudo teve como objetivo geral investigar as brincadeiras produzidas a partir do uso criativo em um parquinho público localizado no Dique do Tororó, na cidade de Salvador- BA. Considera-se uso criativo dos espaços e equipamentos todas as variações do seu uso original. Trata-se de um estudo exploratório de caráter descritivo e analítico, onde identificou-se quais as brincadeiras criativas mais comuns desenvolvidas nesse espaço. Os dados foram coletados através de observações e entrevistas, e analisados qualitativamente através da elaboração de categorias. Verificou-se que o uso criativo se desenvolveu principalmente por conta baixa atratividade e variedade de brinquedos e pelas condições físico-arquitetônicas do parquinho. O projeto de pesquisa foi desenvolvido no Programa de Iniciação científica do curso de Psicologia da UNIFACS e foi aprovado por um comitê de Ética direcionado pela Plataforma Brasil.

Palavras-chave: Brincadeiras; Brincar; Infância.

Abstract

The aim of this research is to study the outdoor games created from the creative use of a public playground located in the Dique do Tororó in Salvador, Bahia. All variations of the conventional use of the place and playground equipment are considered as creative use. It is an exploratory study of description and analysis that identified what were the most common creative games played in that place. The data was collected through observations and interviews and it was qualitatively analyzed by categorization. It was found that people creatively used the place mainly because of the low attractiveness, few options of equipment and the poor physical and architectural conditions of the playground. This research was conducted in the undergraduate research program of the major in Psychology at UNIFACS and it was approved by a research ethics committees directed by PlataformaBrasil.

Keywords: Outdoor games; Playing; Childhood.

1INTRODUÇÃO

A brincadeira é um fenômeno complexo de difícil conceituação que não pode ser definida de uma única forma, já que é objeto de investigação de muitos estudos e pesquisas devido a sua relevância para o desenvolvimento infantil (BICHARA et al., 2009). Característica e fundamental na infância, se manifesta em diferentes culturas e épocas. Contudo, embora possua caráter universal, se desenvolve de forma peculiar de acordo com os elementos contextuais envolvidos. Dentre as suas mais variadas formas, a brincadeira

1 Aluna do 5º semestre do curso de psicologia da UNIFACS e bolsista da FAPESB de Iniciação Científica.

Contato: amandasouza.s@hotmail.com

2 Aluna do 5º semestre do curso de psicologia da UNIFACS e voluntária de Iniciação Científica. Contato:

ingridmirelecarlos@hotmail.com

3 Professor orientador de Iniciação Científica do Curso de Psicologia da UNIFACS. Contato:

paula.pereira@pro.unifacs.br

possibilita à criança vivenciar situações que enriquecem o seu autoconceito e ampliam seu conhecimento e visão acerca da realidade a partir da experiência lúdica e do estímulo à criatividade, preparando-a para lidar com o novo de forma produtiva. Além disso, possibilita que a criança desenvolva habilidades cognitivas, motoras, emocionais, sensitivas e sociais, tornando-a mais adaptável a situações novas (SIAULYS, 2005; FAGEN, 1981).

Uma vez que o indivíduo não nasce com um repertório completo de comportamentos, as atividades lúdicas funcionam como um veículo de aquisição de habilidades que poderão ser úteis futuramente (BJORKLUND, 1997; VIEIRA; SARTÓRIO, 2002). Sendo assim, essas atividades possibilitam a exploração das oportunidades de maneira mais efetiva. Moraes e Otta (2003) trazem o conceito de zona lúdica como o espaço em que o brincar acontece, revelando seus elementos e a sua consequente influência nas brincadeiras que são desenvolvidas.

Até o século XIX, a rua consistia no principal contexto de desenvolvimento do processo de socialização e de brincadeiras, dadas as circunstâncias socioculturais deste período. Porém, nos últimos anos, ocorreram muitas mudanças em termos sociais, econômicos, políticos e culturais, resultando no crescimento das cidades e da população, o que aumentou os índices de criminalidade e diminuiu as dimensões espaciais, tornando a rua um espaço perigoso e pouco propício ao desenvolvimento de brincadeiras (OLIVEIRA, 2004; LUZ; RAYMUNDO; KUHNEN, 2010).

Diante disso, tornou-se necessária a construção de espaços exclusivos para o lazer das crianças. Sob influência do movimento "*playground movement*", surgido nos Estados Unidos no final do século XIX, o urbanismo brasileiro adotou os parquinhos como modelo de lazer infantil (NIEMEYER, 2005; SANTOS; NASCIMENTO; PINTO, 2014). Estes, que podem ser considerados contextos de desenvolvimento uma vez que seus elementos estimulam os processos cognitivos, motores, sensoriais e emocionais das crianças, muitas vezes são os primeiros espaços de socialização destas, que estabelecem contatos iniciais com outras pessoas e com o meio ambiente, promovendo a integração da criança ao âmbito social (OLIVEIRA, 2004; LUZ; RAYMUNDO; KUHNEN, 2010).

Na medida em que são construídos no intuito de representarem um espaço destinado à criança, oferecendo à mesma elementos e equipamentos para serem utilizados na brincadeira, os parques infantis configuram-se como "*lugar para crianças*", conceito abordado por Rasmussen (2004), que se refere aos lugares planejados por adultos como sendo ideais para as crianças dentro de determinado contexto social. Estes ambientes possuem equipamentos que

direcionam o brincar, delimitando as possibilidades de brincadeiras, entretanto, muitas vezes são utilizados pelos brincantes com fins diferentes daqueles originalmente propostos, vindo a tornar-se “*lugares de crianças*”, já que a criança tem possibilidade de criar, adaptar-se e decidir suas brincadeiras.

O exercício da criatividade permite à criança explorar este ambiente de forma diferenciada dando origem ao que conhecemos como brincadeira criativa. Considera-se que o uso criativo dos equipamentos e dos espaços do parquinho possibilita o surgimento de brincadeiras criativas, que são brincadeiras não esperadas pelos adultos ao estruturarem o espaço, tal como subir a escorregadeira do parquinho pela parte que se escorrega (VYGOTSKY, 1998). O arriscar-se a novas experiências, as tentativas de combinações e a ressignificação dos objetos e espaços são elementos da brincadeira criativa e propiciam ao brincante a experiência singular da liberdade de expressão e do mundo simbólico deste indivíduo.

Vygotsky (1998) caracteriza a criatividade como a realização humana de algo novo em relação aos objetos do mundo do exterior e as construções psíquicas e emocionais que se manifestam no ser humano. Para o autor, existem dois tipos de impulsos na conduta humana: o criador e o reproduzidor. O reproduzidor associa-se à memória e consiste na reprodução do que já foi elaborado anteriormente. O criador consiste na reelaboração e na combinação de novas experiências, possibilitando a formação da função criativa que permite ao homem adaptar-se ao mundo, a qual Vygotsky denomina fantasia ou imaginação.

O uso criativo está diretamente relacionado à apropriação que a criança faz do espaço que está brincando, uma vez que seu desenvolvimento consiste justamente na exploração diferenciada deste espaço a partir da explanação de sua subjetividade e da forma como esta se posiciona no meio. O conceito de apropriação envolve a transformação de um espaço e a atribuição de significado a este, bem como o reconhecimento do espaço transformado, dada pela continuidade e identidade em relação ao mesmo (POL, 1996).

Corsaro (2011) acredita que ao participar das rotinas culturais, de caráter habitual e óbvio, as crianças conhecem e aprendem regras previsíveis, que, apesar de oferecerem segurança, podem ser modificadas e variadas. O uso criativo que as crianças fazem dos equipamentos de parquinhos públicos se desenvolve a partir do desejo da criança de variar essas regras, impostas pela própria finalidade do equipamento, e de sua consequente variação.

A brincadeira criativa possibilita que a criança entre em contato com novas experiências, resultando em novas aprendizagens em termos comportamentais, afetivos,

cognitivos, dentre outros, que podem favorecer o seu desenvolvimento global. Além disso, ela permite que a criança expresse sua subjetividade e se posicione frente ao mundo, a partir de suas escolhas e de sua autonomia diante do brincar (QUEIROZ;MACIEL; BRANCO, 2006).

Este tipo de brincadeira tende a variar em termos de gênero e faixa etária. O correspondente ao gênero se alia aos papéis sociais presentes no contexto cultural que é passado às crianças desde muito cedo. A faixa etária se relaciona às condições físicas e aos componentes motivacionais da criança, que influenciam diretamente na apropriação do espaço e no desenvolvimento de brincadeiras.

A literatura mostra que há certa segregação de gênero no fenômeno da brincadeira, sendo esta variável de acordo com a idade das crianças. As preferências estereotipadas por gênero são demonstradas pelas crianças a partir dos 3 anos de idade (CORDAZZO;VIEIRA, 2008), sendo intensificadas entre 6 e 7 anos. Um estudo realizado pelos referidos autores mostrou que para os meninos a segregação de brincadeiras por gênero é mais intensa do que para as meninas, sendo que os meninos menores têm maior tendência a estereotipar brincadeiras. Estudos sobre o brincar nos ambientes abertos demonstram que meninos e meninas têm preferências distintas em relação ao tipo de brincadeira e ao espaço usado para desenvolvê-las, além de se organizarem de maneira segregada (FIAES et al., 2010).

Um recente estudo sobre seis parquinhos públicos na cidade de Salvador-BA, realizado por Santos, Nascimento e Pinto (2014) fez um pequeno recorte da situação dos parquinhos públicos atualmente. Os resultados sugerem que os parquinhos apresentam qualidade questionável em termos de segurança, possuindo aspectos a serem melhorados em relação aos equipamentos; apontam baixa atratividade dos espaços, especialmente para as crianças, devido à pouca diversidade de cores e brinquedos; e não são considerados acessíveis a toda população.

Segundo Johnson, Christie e Yawey (1999) o parquinho e os seus elementos podem influenciar nos tipos de brincadeiras que são desenvolvidas e na forma que as interações sociais se estabelecem entre as crianças. Os autores distinguiram três tipos de parque: (1) os parquinhos tradicionais, caracterizados pelas áreas livres revestidas de concreto, asfalto ou terra, cujos equipamentos são mais básicos e isolados; (2) os parquinhos contemporâneos, cujos equipamentos são mais atrativos e variados, geralmente feitos de madeira ou plástico; (3) e os parquinhos de aventura, cujos equipamentos são formados por materiais reciclados e a área livre é constituída pelo ambiente natural.

Uma vez que a brincadeira varia de acordo com o espaço em que esta se desenvolve (COTRIM; BICHARA, 2013), é válido dizer que a diversidade de elementos dispostos pelo parquinho, bem como a atratividade dos equipamentos podem contribuir para que as brincadeiras desenvolvidas, especialmente as criativas, tenham caráter mais rico, já que a exploração que a criança fará do espaço será mais diversificada. Diante disso, o objetivo geral do presente estudo foi investigar o uso criativo do espaço e dos equipamentos que constituem um parquinho público da cidade de Salvador-BA, no intuito de avaliar as principais brincadeiras criativas desenvolvidas nos períodos pré e pós reforma do referido espaço, considerando as interferências ambientais envolvidas nesse processo.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, de caráter descritivo e analítico. O contexto desse estudo foi um parquinho público da cidade de Salvador-BA, localizado em um espaço turístico da cidade, o Dique do Tororó. Este espaço de lazer possui uma represa, é constituído por bastante área verde, e, dentre outras coisas, possui dois parquinhos infantis (*playground I* e *II*). Escolheu-se para observação o *playground I*, por ser o mais frequentado pelas crianças no período em que as observações aconteceram, provavelmente pelo fato do *playground II* ser mais afastado dos espaços de convivência coletiva e estar mais exposto ao sol.

O *playground I* pode ser considerado um parque contemporâneo, uma vez que é feito de madeira e possui equipamentos mais modernos e criativos (JOHNSON; CHRISTIE; YAWKEY, 1999), tais como dois módulos ligados por uma ponte, cada um contendo duas casinhas, duas escorregadeiras, uma fina barra de ferro e duas escadas em lados opostos, ambas acopladas aos módulos e duas gangorras. Após a reforma foi incluído um carrossel, e os demais equipamentos foram consertados. O solo do parque é constituído de areia, a qual delimita sua área livre, que não é muito ampla.

Constatou-se que as condições físico-arquitetônica do mesmo eram bastante precárias, sendo que a maioria dos equipamentos apresentava algum defeito. Após a reforma ocorrida no parquinho, os equipamentos foram devidamente consertados, havendo uma melhora significativa do espaço como um todo, embora algumas falhas estruturais, tais como regulagem de altura e peso permanecessem inalteradas. Entretanto, a reforma não incluiu nenhum tipo de adaptação para crianças com necessidades especiais, o que configura o mesmo como um espaço praticamente inacessível a este público.

Este estudo se dividiu em duas etapas. Na primeira, quando a reforma ainda não havia acontecido, foram feitas observações dos episódios de brincadeira com ênfase no uso criativo e realizadas entrevistas com 10 crianças e seus responsáveis buscando compreender a opinião e a percepção dos mesmos em relação ao parquinho no que diz respeito à segurança, acessibilidade, conservação e inclusão. Na segunda etapa, quando o parquinho já havia sido reformado, foram feitas observações de 10 episódios de brincadeira, com ênfase no uso criativo. Em ambas as etapas, foram coletados dados sobre o espaço físico do *playground* I.

As crianças e seus responsáveis foram recrutados aleatoriamente, no momento em que estavam brincando ou chegando ao parquinho. O objetivo geral das entrevistas consistiu em avaliar de maneira mais geral o perfil dos participantes, bem como suas opiniões e interesses em relação ao parquinho. Ambas foram estruturadas, sendo que a dos responsáveis possuía um questionário avaliativo com notas de 0 a 10 sobre as características do parquinho. É importante salientar que embora o número de entrevistados seja igual para crianças e responsáveis, não necessariamente significa que estes são da mesma família. Algumas vezes apenas os responsáveis foram entrevistados, outras apenas crianças, e em outras, ambos.

Cada equipamento do parquinho possui uma função original específica: (1) a escorregadeira serve para que a criança escorregue por uma rampa de madeira com barras laterais; (2) os módulos funcionam como estímulo para a brincadeira de faz-de-conta; (3) a barra de ferro é feita para que o usuário desça do módulo deslizando por ela, em vez de utilizar a escorregadeira ou a escada; (4) a gangorra possibilita que duas crianças brinquem juntas, subindo e descendo; (5) o carrossel, pode ser utilizado por várias crianças ao mesmo tempo e serve para girar.

Os dados foram analisados qualitativamente através da elaboração de categorias e análise de conteúdos, de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. Foram feitas comparações entre as brincadeiras criativas desenvolvidas no período em que o parquinho apresentava equipamentos danificados, e as que se desenvolveram no período pós reforma. A pesquisa foi realizada no período de junho de 2014 a maio de 2015 no Programa de Iniciação científica do curso de Psicologia da UNIFACS e foi aprovada por um Comitê de Ética através do direcionamento da Plataforma Brasil.

Os responsáveis pelas crianças assinaram um termo de consentimento informado livre e esclarecido, e as crianças assinaram um termo de assentimento que autorizou a participação destas nas entrevistas. Os nomes apresentados na seção de resultados são fictícios.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas 10 crianças antes da reforma do parquinho. Estas possuíam entre 4 e 10 anos de idade, não apresentam nenhum tipo de deficiência, sendo a maioria (n=6) do sexo feminino. Elas eram moradoras dos bairros Engenho Velho de Brotas, Dique, Imbuí, Brotas, Pituba e Vasco da Gama. Cinco crianças afirmaram que sugeriam aos responsáveis a ida ao parquinho do Dique do Tororó, três disseram que era o responsável quem sugeria o passeio, e duas relataram que a sugestão vinha de ambos.

Sobre gostar do parque, apenas duas crianças responderam prontamente que sim. As outras se referiram àquilo que ele oferece, principalmente em relação aos brinquedos. Júlia, 8 anos, disse: *"É legal aqui, mas eu queria que tivesse mais coisas"*. Camila, 8 anos: *"O parque é divertido, mas tem muita criança e pouco brinquedo"*. Este dado pode ser relacionado à opinião dos responsáveis sobre a variedade de brinquedos, cuja avaliação foi negativa, uma vez que o parquinho oferecia poucos brinquedos, os quais foram caracterizados pelos brincantes e seus responsáveis como pouco atrativos. Nesse sentido, percebe-se que, embora o Dique do Tororó possuísse uma variedade de opções de lazer, no que diz respeito aos parquinhos infantis havia certa precariedade em termos de atratividade e recursos.

Sobre os elementos do parquinho, as crianças disseram gostar dos mesmos, embora tenham afirmado que gostariam que tivessem novos brinquedos, numa quantidade maior e mais coloridos. Não houve menção a um brinquedo do qual elas não gostassem, e os equipamentos mais desejados pelas crianças entrevistadas foram o balanço e carrossel. As brincadeiras preferidas mais comuns foram pega-pega e pula-pula, o que chama a atenção visto que foram brincadeiras raramente observadas. Este fato pode ser explicado pela restrição da área livre do parquinho, o que dificulta a brincadeira de pega-pega, e devido ao pula-pula só ser disponibilizado como brinquedo alugado aos finais de semana. Além disso, a maioria das crianças (n=6) afirmou preferir brincar com amigos, três crianças disseram preferir brincar sozinhas e uma preferia brincar com primos/irmãos.

Os 10 responsáveis entrevistados nesta pesquisa eram moradores dos bairros de Brotas, Matatu de Brotas, Engenho Velho de Brotas, Dique, Vasco da Gama, Imbuí e Pituba. Seus filhos possuíam entre 3 e 8 anos, e a frequência com a qual eram levados ao parquinho do Dique do Tororó foi variável, sendo que a maioria informou que os leva mais nos finais de semana. A avaliação que eles fizeram do parquinho, de modo geral, foi negativa. Em relação à segurança do local, a maioria dos entrevistados atribuíram notas muito abaixo da média,

incluindo zero. Sobre a segurança dos brinquedos, a avaliação também foi majoritariamente negativa. Em relação às condições de acesso ao parque, três responsáveis atribuíram nota máxima, enquanto os demais avaliaram negativamente. As condições dos brinquedos e a adaptação do parque também foram avaliadas negativamente.

Diante dessa breve explanação de dados, percebe-se que, no geral, os parquinhos do Dique do Tororó não são bem avaliados pelos responsáveis dos usuários destes espaços, o que, de certa forma, pode ser explicado pelas próprias condições físico-arquitetônica dos equipamentos, bem como as características gerais do espaço e de fatores urbanos associados. Um dado que chama a atenção é a avaliação negativa até mesmo da acessibilidade ao parque, visto que a maioria dos responsáveis entrevistados residia em bairros próximos ao Dique do Tororó, o que nos leva a pensar que este fato possa estar ligado as condições de transporte coletivo, já que sete responsáveis informaram que o meio de locomoção utilizado para chegar ao Dique era o ônibus.

Tais resultados assemelham-se aos encontrados na pesquisa de Santos, Nascimento e Pinto (2014) sobre alguns parquinhos públicos da cidade de Salvador-BA, uma vez que mostraram a baixa qualidade dos parquinhos em relação às características avaliadas nas entrevistas do com os responsáveis pelas crianças.

4 O USO CRIATIVO E AS BRINCADEIRAS COMUMENTE DESENVOLVIDAS NO *PLAYGROUND* I ANTES DA REFORMA DO PARQUINHO

Na medida em que se apropria do espaço, a criança o transforma e é transformada, visto que atribui um significado ao mesmo, que deixa de ser alheio para se tornar um espaço que agora ela conhece e domina. Simbolicamente, há um reconhecimento do espaço transformado, que cria um senso de identidade que faz a criança lidar com aquele espaço de uma forma diferente. Como cada criança se apropria do espaço de uma forma, o significado subjetivo atribuído ao mesmo passa a ser singular para cada criança, o que influencia a forma como esta irá se relacionar com este ambiente a partir da apropriação feita (PINTO; BICHARA, 2014).

A partir das observações dos episódios de brincadeira antes da reforma do parquinho, em especial a criativa, pôde-se compreender melhor de que forma esse fenômeno ocorreu. Percebeu-se que devido à baixa atratividade, bem como a pouca quantidade de brinquedos e, conseqüentemente, pouca variedade de opções para brincar, as crianças utilizaram estratégias

de exploração dos equipamentos, baseadas na apropriação do espaço, tais como combinação de ações, ressignificação de equipamentos, experimentação do novo e o arriscar-se.

Em uma das observações de *brincadeira criativa*, por exemplo, o *arriscar-se* foi fundamental para que a brincadeira fosse possível: "O menino vai para a escorregadeira e diz "mãe, vou descer de costas" e ela responde "não, de costas não!", "então eu vou descer de lado" diz Matheus. "E desce se desequilibrando um pouco no final da descida" (Matheus, 7 anos). Em outro momento, Matheus realiza um conjunto de combinação de ações: "Vai para a escorregadeira e desce. Vai para o módulo e pula várias vezes na ponte. Abaixa, conta de 1 até 3 e pula o mais alto que pode, se segurando nas madeiras do teto da casinha. Vai para a escorregadeira e desce de bruços. "Ao final da descida, se apoia nas beiradas da escorregadeira e pedala na mesma".

Desse modo, pode-se perceber que a brincadeira criativa possibilita à criança uma forma de adaptação ao espaço desestruturado, e, ao mesmo tempo, oferece a possibilidade desta expandir suas habilidades criativas no espaço estruturado. Isso acontece quando, por exemplo, a criança transforma o brinquedo quebrado, fazendo surgir uma "ponte" no lugar da gangorra e uma "escada" no lugar da escorregadeira; ou ainda quando ela se apropria do equipamento de uma maneira alternativa, tal como entrar no carrossel por baixo do assento, entre as ferragens de apoio.

Nesse processo, a criança ignora a função pré-estabelecida do equipamento, transformando-o em um objeto com múltiplas possibilidades, que podem ser utilizados ora de uma forma, ora de outra, a depender do interesse e da vontade da criança. Ao utilizar o equipamento de uma forma não convencional, a criança transforma o "espaço para criança" em "espaço de criança" (RASMUSSEN, 2004).

Diferentemente do que foi percebido por Cordazzo e Vieira (2008) no seu estudo sobre gênero e brincadeira, não se percebeu diferenças significativas do gênero em relação ao uso criativo, exceto em relação às brincadeiras criativas mais turbulentas, como correr através da gangorra ou se pendurar de ponta cabeça no módulo da casinha, brincadeiras estas mais desenvolvidas pelos meninos por volta dos 8 anos.

Por outro lado, notou-se que há uma maior distribuição de limites e interrupção das brincadeiras criativas pelos responsáveis/acompanhantes das crianças em relação às meninas, principalmente as mais novas. Várias observações feitas respaldam essa afirmativa, tal como aconteceu com Isabela, 6 anos: "A criança vai para a gangorra, senta no eixo central e abraça a madeira, fazendo a gangorra descer no sentido do peso de seu corpo. Sua mãe diz

"Isabela, não faz isso! Desce daí agora! Você vai se machucar! Vai brincar na casinha!", e a menina sai da gangorra e vai para o módulo.

O fato do adulto se encontrar em uma fase de desenvolvimento diferente em relação à criança, que está em um momento onde os componentes lúdicos e criativos caracterizam suas ações; E questões socioculturais de gênero podem estar relacionadas a tal situação, que pode prejudicar o desenvolvimento de autonomia e criatividade da criança. A espontaneidade da brincadeira criativa, caracterizada pela exploração inesperada do espaço, é o que promove à criança a oportunidade de criar e experimentar o novo.

Um estudo anterior realizado por Fiaes et.al (2010) no parquinho do Dique do Tororó, na cidade de Salvador-BA mostrou que as crianças faziam uso inusitado dos brinquedos do parque, o que reforça a noção de que o uso criativo possibilita que a criança transforme o ambiente em um *"espaço de criança"*, a partir da adaptação e da apropriação, ainda que seus elementos direcionem a sua ação.

5 AS BRINCADEIRAS CRIATIVAS MAIS COMUNS ANTES E DEPOIS DA REFORMA DO PARQUINHO

Sabe-se que as crianças fazem uso criativo do espaço em qualquer contexto em que estão inseridas, uma vez que se apropria deste espaço e o transforma a partir de sua subjetividade e posicionamento (POL, 1996; VYGOTSKY, 1998; CORSARO, 2011). Entretanto, nota-se que a estruturação do espaço físico em que ocorrem as brincadeiras também é um fator que pode ou não estimular o uso de brincadeiras criativas. As brincadeiras de esforço físico, tais como pular, subir e escorregar foram predominantes, embora as brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde e outras que necessitavam de maior espaço físico para se desenvolver foram menos frequentes, antes e após a reforma do espaço. Por sua vez, as brincadeiras de faz-de-conta foram menos comuns.

Este fato pode estar associado a pouca interação social estabelecida entre as crianças e a restrita área livre do parque, que impediam as mesmas de explorar o espaço com maior liberdade/facilidade. Tais resultados corroboram com a pesquisa realizada por Fiaes et. al (2010), no contexto de parquinhos públicos da cidade de Salvador-BA, a qual revelou que, nesse contexto, as brincadeiras de faz-de-conta e com regras se desenvolvem mais quando há disponibilidade de um espaço mais amplo para brincar, existindo uma tendência das crianças a brincarem de forma solitária, pelo menos no momento inicial de sua permanência no espaço. Outro achado desta pesquisa que corresponde aos resultados do presente estudo diz respeito à

concentração das brincadeiras nos equipamentos do parquinho, caracterizando-se predominantemente como brincadeiras de exercício físico.

Considerando que o espaço físico onde o brincar acontece é fundamental para o desenvolvimento e tipificação da brincadeira, Bichara, Souza e Trindade (2005), relataram que todas as brincadeiras se relacionam a alguma delimitação espacial, a qual varia conforme a própria brincadeira, os números de participantes e o espaço disponível. O quadro um a seguir ilustra de modo geral as brincadeiras mais comuns desenvolvidas em cada equipamento do parque, considerando os períodos pré e pós reforma:

Quadro 1- Brincadeiras mais comuns em relação às condições físico-arquitetônicas dos equipamentos, antes e após a reforma do espaço

Equipamento/Espaço	Condição físico-arquitetônica	Brincadeira desenvolvida	Tipo de brincadeira	Faixa-etária/sexo
Gangorra	Assentos quebrados/Apoios de mão quebrados/Amortecedores quebrados ou ausentes	Usada como rampa de passagem e como balanço por mais de uma criança	Esforço físico e criativa	7 a 10 anos (meninos e meninas)
Carrossel	Adequado	Usado para girar (sentado, em pé ou ajoelhado), para correr entre as ferragens e para “entrar” e “sair” por delas	Esforço físico e criativa	Idades variadas (meninos e meninas)
Escorregadeira	Adequada	Usada como rampa de subida e para escorregar	Esforço físico e criativa	Idades variadas (meninos e meninas)
Piso	Areia	Usado para	Criativa	2 a 5 anos

		brincadeiras manuais (fazer comidinha, castelo, bonequinhos, etc)		(geralmente meninas)
Módulos/Casinhas	Adequado	Usado para apoiar a fossa poplíteia nas barras de madeira e ficar de ponta-cabeça	Esforço físico e criativa	7 a 10 anos (geralmente meninos)
Escada	Sem corrimão	Usada para subir, descer de costas, para passar por “dentro” dos degraus	Esforço físico e criativa	5 a 7 anos (meninos e meninas)
Barra de ferro	Adequado	Usado para escorregar e subir no módulo	Esforço físico e criativa	5 a 10 anos (geralmente meninos)
Ponte que liga os módulos	Adequada	Usada para pular	Criativa/Esforço físico	Idades variadas

Diante disso, constata-se que a maioria dos equipamentos foram utilizados criativamente em algum momento, embora não exclusivamente, visto que os equipamentos também foram utilizados de acordo com sua função original. Este fato pode estar relacionado ao interesse da criança em explorar os equipamentos e o espaço de formas variadas, no intuito de desenvolver maior diversidade de brincadeiras.

Para explicar as fases dos jogos e brincadeiras que acontecem nos parquinhos, Borges (2008) discute que estas se desenvolvem em etapas. São elas: (1) *Jogo funcional*: momento em que a criança utiliza o equipamento de acordo com a sua finalidade, sendo que tal processo pode acontecer várias vezes, por tempo indeterminado, até que a criança consiga assimilar o equipamento e lidar com ele de tal forma que seu uso convencional se torna

desinteressante; (2) *Jogo técnico*: nesta fase, a criança começa a criar sua própria forma de utilizar o equipamento, inventando formas diferentes e não convencionais de brincar com ele. É quando, por exemplo, ela fica em pé no carrossel enquanto gira ou atravessa a gangorra como uma rampa; (3) *Jogo social*: nesta fase, o equipamento se torna o meio onde a brincadeira se desenvolve, propiciando maior interação social entre as crianças.

Assim, a diversidade de brincadeiras varia conforme a quantidade, atratividade e qualidade de exploração dos equipamentos do parquinho, uma vez que depende das possibilidades oferecidas para que a criança brinque. Entretanto, apesar de se observar que as crianças fizeram uso criativo dos equipamentos do parquinho antes da reforma, já que não era possível o jogo funcional devido às danificações que tornavam os brinquedos disfuncionais, o estado de má conservação dos mesmos pode provocar danos importantes para as crianças, uma vez que é mais fácil ocorrerem acidentes.

Estudos prévios salientam os riscos de parquinhos danificados relatando que 88% dos acidentes nesse contexto são causados por quedas de equipamentos de agilidade física (como, por exemplo, a gangorra), e as demais, por colisões principalmente nos escorregadores com superfícies inadequadas ou mal conservadas. Estima-se, ainda, que aproximadamente 40% dos acidentes nesse ambiente são resultados de uma supervisão inadequada. (HARADA; PEDREIRA; ANDREOTTI, 2003).

Na primeira etapa da pesquisa, notou-se que muitas brincadeiras criativas foram desenvolvidas devido às danificações dos equipamentos do parquinho, ainda que estas apresentassem riscos para os brincantes. Em uma das observações, por exemplo, um grupo de oito crianças brincava em uma das gangorras (a qual não possuía apoios de mão e tinham os assentos danificados), e quatro crianças equilibravam-se em cada extremidade da gangorra, pendurando-se na madeira e/ou subindo e descendo juntas. Na segunda etapa, o uso criativo continuou sendo predominante, embora algumas brincadeiras criativas tenham se extinguido devido à reparação dos equipamentos e a consequente impossibilidade de execução destas, o que representa para o parquinho um avanço em termos de segurança. A brincadeira anteriormente descrita é um exemplo disso.

Após a reforma, o parquinho ganhou um equipamento novo (o carrossel), e os brincantes passaram a ter maior facilidade em brincar com os equipamentos de forma condizente com sua finalidade original, já que anteriormente as danificações impediam este uso. A partir disso, notou-se que algumas crianças passaram mais tempo envolvidas em determinadas brincadeiras e fizeram o uso “tradicional” dos equipamentos antes de

desenvolver brincadeiras criativas. Comparativamente, percebeu-se que antes da reforma as crianças brincaram da mesma forma durante menos tempo, buscando variar mais o uso dos equipamentos e, assim, desenvolver uma diversidade maior de brincadeiras, especialmente as de caráter criativo.

Assim, enquanto num primeiro momento as crianças buscavam frequentemente variar a função dos equipamentos para enriquecer e diversificar as brincadeiras, após a reforma, as crianças puderam explorar os equipamentos da forma tradicional por mais tempo antes de fazer o uso criativo, embora ele ainda tenha sido predominante. Esses resultados são coerentes com a pesquisa de Luz e Kuhnen (2013), que constataram que a apropriação do espaço, os tipos de interações produzidas e as brincadeiras escolhidas pelas crianças estavam diretamente associados às características do parquinho, tal como a presença de equipamentos e sua manutenção.

As autoras notaram que as crianças permaneciam mais tempo executando a mesma atividade e se socializavam mais em espaços estruturados, constituídos de mais equipamentos multifuncionais do que tradicionais, e que, nos locais menos estruturados, a diversidade de brincadeiras era mais notável, uma vez que as crianças permaneciam menos tempo na mesma atividade. O quadro a seguir ilustra as brincadeiras criativas mais comuns nos períodos pré e pós reforma do parquinho:

Quadro 2 - Brincadeiras criativas mais comuns antes e depois da reforma do parquinho

Antes da reforma	Depois da reforma
Gangorra usada como rampa de passagem, como balanço coletivo e para ser empurrada para cima e para baixo com as mãos	Gangorra usada para ser empurrada para cima e para baixo com as mãos
Não se aplica	Carrossel usado para ser girado com as mãos, e de formas diferenciadas (a criança em pé, ajoelhada no assento, etc.)
Escorregadeira usada para descer de bruços/de lado e como rampa de subida	Escorregadeira usada para descer de bruços/de lado e como rampa de subida
Chão de areia usado para brincadeiras manuais	Chão de areia usado para brincadeiras manuais

De acordo com o quadro acima, percebe-se que, antes da reforma, o equipamento mais explorado através do uso criativo foi a gangorra. Após a reforma, a escorregadeira e o

carrossel foram os mais usados criativamente. O quadro também mostra que algumas brincadeiras criativas prevaleceram em ambos os períodos de observação, o que reforça a ideia de que o *playground* I se caracteriza como pouco atrativo e com baixa variedade de equipamentos, uma vez é utilizado pelas crianças de forma semelhante, sem novas combinações de ações e experimentação do novo, mesmo após sua reforma, estruturação e implantação de um novo equipamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, verificou-se que as brincadeiras criativas ocorrem em qualquer contexto de desenvolvimento, já que mesma foi observada antes e depois da reforma do parquinho. A partir da pesquisa observou-se que no caso dos espaços menos estruturados, cujos equipamentos encontram-se sem a devida manutenção ou quebrados, as crianças fazem o uso criativo logo inicialmente, já que não podem fazer o uso funcional; E nos espaços estruturados foi observado que as crianças exploram os equipamentos primeiro e posteriormente fazem o uso criativo. Na primeira situação há um risco para a criança, tendo em vista que tais danificações podem ser perigosas, colocando em risco sua saúde física, tal como ressaltou Fiaes et. al (2010).

É preciso que os poderes públicos levem em conta que as crianças utilizam os parquinhos mesmo quando danificados, já que se trata de espaços importantes para o seu desenvolvimento. Desta forma, precisam ampliar a regularidade da manutenção dos mesmos, aumentar a atratividade dos brinquedos e disponibilizar áreas abertas e parques com variedades de equipamentos, além de mais brinquedos que possibilitem que a imaginação da criança direcione seu uso, como nos parques de aventura, feitos de materiais reciclados (pneus, cordas, entre outros) a fim de possibilitar que as crianças façam o uso criativo dos espaços sem correrem perigo de se machucarem.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa podem ser ampliados a partir da sua continuidade, da aderência de novas vertentes de observação e análise, embasadas pelo maior número de crianças e do aprimoramento do material de coleta de dados. Uma das limitações deste estudo pode estar relacionada à discrepância do número de brincantes nos dias úteis e nos finais de semana. Porém, considera-se que os resultados obtidos são importantes para a maior compreensão acerca da brincadeira criativa e da forma como esta se desenvolve,

considerando a repercussão da sua prática para o desenvolvimento biopsicossocial e global do sujeito brincante.

REFERÊNCIAS

BICHARA, I.; LORDELO, E.; CARVALHO, A.; OTTA, E. **Brincar ou brincar: eis a questão – a perspectiva da psicologia evolucionista sobre a brincadeira**. In E. Otta; M. E. Yamamoto (Org.), *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 104-113.

BICHARA, I.; SOUZA, L.; TRINDADE, Z. Apropriação e ressignificação de espaços e equipamentos públicos: Um outro ângulo para o estudo dos contextos de brincadeiras. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO & ENCONTRO NACIONAL DO PROGRAMA NACIONAL DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA-PSICOLOGIA. VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO, 10., *Anais...* 2005. p. 28-36.

BJORKLUND, D. The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, v. 122, 153-169, 1997.

BORGES, M. **Diretrizes para Projetos de Parques Infantis Públicos. 2008**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

CORDAZZO, S.; VIEIRA, M. Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 21, n. 3, p. 365-373, 2008.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Penso Editora, 2011.

COTRIM, G.; BICHARA, I. Brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 388-395, 2013.APA.

FAGEN, R. **Animal play behavior**. New York: Oxford University Press, 1981.

FIAES, C. et al. Gênero e brincadeira em parquinhos públicos de Salvador (BA). **Interação em Psicologia**, v. 14, n. 1, 2010.

HARADA, M.; PEDREIRA, M.; ANDREOTTI, J. Segurança com brinquedos de parques infantis: uma introdução ao problema. *Rev Latino-Am Enfermagem*, v. 11, n. 3, p. 383-6, 2003.

JOHNSON, J.; CHRISTIE, J.; YAWKEY, T. **Play and early childhood development**. New York: Longman, 2.ed., cap. 1, 2 e 9, 1999.

LUZ, G.; KUHNEN, A. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 552-560, 2013.

LUZ, G.; RAYMUNDO, L.; KUHNEN, A. Uso dos espaços urbanos pelas crianças: uma revisão. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 3, p. 172-184, 2010.

MORAES, M.; OTTA, E. **Entre a serra e o mar**. Em: CARVALHO, A. (Org.) Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 127-1576.

NIEMEYER, C. **Uma contribuição para a pesquisa em história do paisagismo**: Os parques infantis e as ressonâncias da tipologia reformpark em São Paulo. Paisagens em Debate. Revista Eletrônica da Área Paisagem e Ambiente, FAU.USP, 2005.

OLIVEIRA, C. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.

PINTO, P.; BICHARA, I. **Concepções e ações de crianças a respeito dos espaços públicos onde brincam: um foco na criança cidadã**. II Simpósio luso-brasileiro de estudos com crianças. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre. 2014.

POL, E. La apropiación en la escuela. In L. Iñiguez; E. Pol (Coord.), **Monografies Psico/Socio/Ambientals: Cognición, representación y apropiación del**. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1996. (v. 9). p. 45-62.

QUEIROZ, N.; MACIEL, D.; BRANCO, A. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**, 2006.

RASMUSSEN, K. Places for children – Children's places. **Childhood**, v. 11, n. 2, p. 155-173, 2004.

SANTOS, N.; NASCIMENTO, C.; PINTO, P. Perspectivas acerca de parquinhos públicos quanto à acessibilidade, atratividade e segurança. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PRODUÇÃO ACADÊMICA, **Anais...** v. 13, 2014.

SIAULYS, M. **Brincar para todos**. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

VIEIRA, M.; SARTORIO, R. Análise motivacional, causal e funcional da brincadeira em duas espécies de roedores. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 189-196, 2002.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.